

o meu crescimento profissional. Encaro agora a próxima etapa de formação com entusiasmo, mas também com consciência dos desafios que me esperam. Entre eles, destaco a necessidade de continuar a desenvolver competências na gestão da diversidade em sala, na construção de uma relação próxima e colaborativa com as famílias, e na capacidade de adaptar o planeamento à imprevisibilidade do quotidiano educativo.

Termino a minha reflexão com a seguinte citação,

“Childhood is a world of miracle and wonder: as if creation rose, bathed in light, out of darkness, utterly new and fresh and astonishing. The end of childhood is when things cease to astonish us. When the world seems familiar; when one has got used to existence, one has become an adult.”

Eugene Ionesco, *Fragments of a Journal*, 1976

6.2. Joana Abreu

Enquanto psicóloga a trabalhar em contexto clínico com adultos, sempre me deparei com muitos casos de clientes marcados pelas suas experiências na escola e, muitas vezes, pela relação estabelecida com os seus professores. Na carta de motivação para a candidatura ao curso, escrevi: “Por outro lado, também a prática me diz que grande parte dos desafios na idade adulta remetem para experiências precoces. Se é verdade que vale mais prevenir do que remediar, uma intervenção precoce, numa lógica preventiva, pode fazer a diferença na formação de pessoas responsáveis, íntegras, empáticas, ajustadas e emocionalmente capazes, para além de competentes do ponto de vista técnico. Fazer parte desse movimento de prevenção, mais do que de remediação, é algo que me faz todo o sentido. Entendo que ser Professora é estar na linha da frente deste trabalho. Educar e preparar, mais do que ensinar.”.

Foi esta vontade de trabalhar numa lógica preventiva, que encarei quase como uma missão, que me levou a candidatar ao curso. Não procurava apenas adquirir novas competências profissionais, queria compreender a forma como a educação pode ser uma resposta antecipada a muitos dos desafios que, mais tarde, encontro em contexto clínico.

Não poderia imaginar que viria a gostar tanto da ideia de ser professora! O pedagogo José Pacheco diz que as pessoas escolhem ser professoras por um de dois motivos – ou por vingança ou por amor – e que entrou na profissão por vingança e permaneceu por amor. Sinto que me aconteceu o mesmo. Decidi enveredar por esta área porque me recusava a que algum aluno meu pudesse sentir o peso de experiências escolares negativas ao ponto de, mais tarde, procurar ajuda psicológica por isso. No entanto, ao longo do

percurso formativo, rendi-me completamente à ideia de ser professora. É neste contexto que se enquadra a minha presença na unidade curricular de IPP-IV.

Sobre as competências definidas para esta unidade curricular, considero que a experiência em contexto de Jardim de Infância me permitiu desenvolver e colocar em prática diversas aprendizagens. Em primeiro lugar, a possibilidade de encarar o Jardim de Infância como um contexto responsável por assegurar e garantir, a todas as crianças, um conjunto de aprendizagens diversificadas, organizadas em torno de um currículo, assumindo particular relevância as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. A unidade curricular ajudou-me a compreender melhor as especificidades da Educação-Pré-Escolar e a valorizar elementos centrais da Pedagogia de Infância. Desenvolvi também competências ao nível da planificação e da concretização de intervenções pedagógicas, tendo mobilizado conhecimentos sobre a ação pedagógica na educação pré-escolar, numa tentativa de responder às características e interesses do grupo de crianças. A presença neste contexto destacou a importância de participar em processos colaborativos pautados pela criação e pelo desenvolvimento de relações de respeito mútuo entre todos os envolvidos. Por fim, a unidade curricular constituiu um espaço que me permitiu aprofundar conhecimentos específicos associados à profissão docente, que eu acredito que deve ser apoiada numa atitude investigativa e na reflexão partilhada de diferentes práticas educativas.

Ainda que a educação pré-escolar não seja o meu contexto de eleição, reconheço-lhe um enorme potencial educativo. O estágio de observação mostrou-me claramente o papel fundamental do educador de infância e de toda a equipa educativa enquanto facilitadores das aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. Percebi que do educador de infância se espera que conheça o grupo de crianças e que identifique interesses e potencialidades. Assim, vi a educadora cooperante a criar oportunidades de aprendizagens significativas, a organizar ambientes educativos estimulantes e ampliar os conhecimentos das crianças com intencionalidade pedagógica.

Na observação, percebi que o grupo de crianças da sala 2 do Jardim de Infância de Santiago revelou muitas potencialidades. Trata-se de um grupo que demonstra grande interesse por histórias e pela partilha de experiências pessoais. As crianças mostraram disponibilidade para se envolver nas diferentes propostas que dinamizámos e evidenciaram competências sociais importantes, como a cooperação, o respeito pelo outro e a ajuda. Todos estes aspetos foram importantes para a minha construção de aprendizagens e para o desenvolvimento das diferentes intervenções que realizei juntamente com as minhas colegas. O grupo mostrou-nos que gosta de novidades e de desafios que rompem com a rotina habitual, ainda que encontrasse nessa mesma rotina uma âncora. Tive a oportunidade de observar a

importância do brincar, que aparece sempre nas experiências quotidianas do grupo, tendo assumido um papel central nas suas aprendizagens.

Quando reflito sobre o trabalho que vi ser desenvolvido nas diferentes áreas de conteúdo e respetivos domínios previstos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, entendo que a área da Formação Pessoal e Social se encontrava muito ligada às rotinas diárias: através do quadro regulador de presenças, os momentos de organização do grupo, as regras e responsabilidades associadas e que contribuíam para o desenvolvimento da autonomia e da autorregulação, ao mesmo tempo que se mantém a ideia de coletivo. Destaco que alguns instrumentos de regulação inicialmente introduzidos para auxiliar na gestão do grupo já não necessitavam de ser utilizados, uma vez que as crianças já evidenciavam elevados níveis de autonomia em relação às tarefas que estes regulavam.

No domínio da Educação Física, observei que este surgia principalmente através de brincadeiras autodirigidas realizadas no recreio. Este disponibiliza recursos diversificados que incentivavam ao movimento, à exploração corporal e à interação entre crianças, destacando-se o contacto com as crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Nunca foi possível observar atividades dirigidas pelos adultos neste domínio, o que me levou a pensar sobre a gestão dos momentos de atividade motora espontânea e os momentos de intencionalidade pedagógica na promoção de competências mais específicas. Destaco a nossa intervenção no âmbito das Atividades Rítmicas Expressivas.

No domínio da Educação Artística, entendi que, ainda que existissem atividades de Expressão Plástica, estas eram frequentemente orientadas pelo adulto e conduziam a produtos finais muito semelhantes entre si, o que me levou a questionar se as propostas potenciavam realmente a criatividade, a exploração e a expressão livre de cada criança. A música e a dança surgiam em alguns momentos do dia, habitualmente através de canções infantis que as crianças replicavam. No subdomínio do Jogo Dramático/Teatro, destaco o jogo simbólico, frequentemente presente através dos cantinhos, aquando das atividades autodirigidas – recorro a simulação do casamento como um dos momentos mais marcantes e divertidos, porque as crianças foram muito espontâneas.

No âmbito da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, creio que era um dos domínios mais presentes na vida do grupo. As histórias, as canções, as conversas, as interações entre crianças e adultos e as brincadeiras nos diferentes cantinhos criavam oportunidades contínuas e permanentes de desenvolvimento da linguagem oral. Existiam, igualmente, recursos para a abordagem à escrita, como o quadro branco magnético com canetas, as letras magnéticas exploradas na tarefa sobre a análise do potencial do ambiente educativo. Sobre a escrita, importa referir que as crianças finalistas dispunham já

de um caderno onde experienciavam a escrita de forma mais convencional, nos quais escreviam e desenhavam nas atividades autodirigidas, demonstrando já uma orientação para esse tipo de trabalho.

No que diz respeito à Matemática, esta surgia associada ao “Cantinho dos Jogos”, onde as crianças exploravam noções relacionadas com números, quantidades, sequências e resolução de problemas. Apesar da presença deste domínio, acredito que há espaço para uma exploração mais diversificada e intencional, integrando conceitos e situações-problema nas rotinas diárias das crianças.

A área do Conhecimento do Mundo era trabalhada através de temas relacionados, sobretudo, com as ciências naturais e sociais. Destaco, as atividades práticas, como a observação do crescimento de feijões e de relva, assim como as aprendizagens decorrentes das interações e dos materiais presentes nos diferentes cantinhos da sala. Um exemplo que considero relevante, no âmbito da Tecnologia, é um jogo que permite a exploração de condutos adequadas no uso de equipamentos tecnológicos que fazem parte do quotidiano das crianças. No âmbito da Tecnologia, quisemos utilizar uma máquina de costura na implementação do roteiro.

Esta observação que eu e as minhas colegas fizemos foi fundamental, não só porque permitiu identificar materiais, atividades e rotinas associados às áreas de conteúdo, mas também reconhecer as que são mais ou menos mobilizadas, aspeto que procurámos ter em consideração na conceção e na implementação das intervenções pontuais e do roteiro.

Reconheço a educação pré-escolar como uma das etapas mais relevantes do percurso educativo. É um trabalho de grande responsabilidade, porque pode mudar a forma como as crianças se relacionam com a escola, com a aprendizagem e com elas próprias. A experiência proporcionada pela IPP-IV reforçou esta ideia de que é um contexto fundamental para a construção de experiências educativas positivas.

A reflexão e a prática são dimensões indissociáveis do meu processo de formação no âmbito da IPP-IV, uma vez que muitos dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da licenciatura ganharam significado através da prática. Esta prática teve lugar pelo contacto com o grupo de crianças, com a equipa educativa e com a realidade específica do Jardim de Infância de Santiago. Isto levou-me a ajustar expectativas, a questionar ideias pré-concebidas e a desenvolver uma compreensão mais aprofundada sobre a complexidade do trabalho desenvolvido neste contexto. Esta articulação entre a teoria e a prática, assentes numa lógica reflexiva, aproximou-me da ideia do educador/professor-investigador. Acredito que este não se deve limitar a aplicar conhecimentos, mas a observar, questionar e investigar a sua própria prática.

É possível perceber, pelo exposto até agora, que a IPP-IV me proporcionou importantes aprendizagens em diversos domínios, contribuindo para diferentes olhares sobre os contextos educativos. Neste contexto, em particular, pude aprender a observar as crianças com intencionalidade pedagógica, procurando despertar para lá do que são os seus comportamentos. Este foi um dos aspetos mais desafiantes para mim. Enquanto psicóloga, estou habituada a observar e contextualizar comportamentos, geralmente, em busca da sua modificação/adequação. Em contexto educativo, há uma necessidade de ampliar essa forma de encarar as pessoas e de me centrar mais no seu desenvolvimento e menos nas suas dificuldades.

Na unidade curricular de Didáticas Específicas da Educação Básica II abordaram-se a organização do ambiente educativo e a importância das rotinas como forma de regulação das crianças e da sua aprendizagem. Em contexto, percebi que a organização deste ambiente educativo era rica, mas mais estagnada, ainda que tenha assistido à introdução de novos materiais ao longo do período de estágio, particularmente a transferência de jogos só utilizados com a supervisão do adulto para a estante dos jogos a usar de forma autónoma.

Para mim, uma das mais valias da licenciatura em Educação Básica na Escola Superior de Educação de Viseu prende-se com a possibilidade de realizar estágios de observação em todos os contextos educativos, antes de ter que se optar por um dos metros de formação de professores. Este facto contribuiu perceber que as intervenções dos educadores têm carácter plural e que todos os caminhos são possíveis, desde que analisados de forma crítica e fundamentada.

Destaco uma limitação da IPP-IV, relacionada com o pouco tempo passado em contexto. Acredito que teria sido enriquecedor acompanhar o grupo durante um período mais alargado e participar de forma mais interventiva na ação educativa (ainda que a educadora cooperante nos tenha proporcionado todas as possibilidades de participar ativamente do dia-a-dia do grupo). Mais do que uma limitação, refiro igualmente a exigência que senti entre esta participação ativa e o respeito pelas dinâmicas da sala e do grupo, para não as corromper. Acredito que tanto a minha presença, quanto a presença das minhas colegas, foi sempre pautada por esse esforço, espero que de forma bem-sucedida.

Ao longo do curso e da IPP-IV, uma das aprendizagens que considero mais relevante e que, frequentemente podemos negligenciar, relaciona-se com o conhecimento que as crianças já detêm sobre o mundo. Este deve ser o ponto de partida para potenciar as suas aprendizagens. Acredito que esta tomada de consciência implica o abandono de paradigmas educativos centrados no adulto e na transmissão de conhecimentos, colocando as crianças e as relações no centro da aprendizagem. Um outro aspeto está relacionado com a planificação do roteiro e prende-se com a capacidade de mobilizar conhecimentos

para fundamentar decisões didático-pedagógicas, e de compreender a profissão docente como uma prática envolta em grande complexidade técnica, mas também profundamente humanista. Este é um exercício que considero complexo.

As experiências de prática profissional foram as mais significativas para mim, pois permitiu-me contactar com as crianças, com as equipas educativas e com os estabelecimentos educativos, criando uma ponte com os conhecimentos técnicos e teóricos. Destaco os debates e as reflexões em grupo, quer entre colegas, quer com a educadora cooperante e o professor tutor, que tornaram a prática mais rica. Ao nível da minha identidade profissional, permitiu-me colocar de lado a minha experiência como psicóloga e desenvolver uma nova forma de olhar para as relações e para o desenvolvimento humano, através da perspetiva educativa. Esta possibilidade facilitou o meu crescimento em ambas as áreas.

A próxima etapa de formação será o mestrado, na área da Matemática e das Ciências Naturais, o que irá trazer novos desafios, crescimento e reflexões, preocupando-me as respostas educativas inclusivas, principalmente numa área complexa como a da Matemática.

Iniciei este percurso movida pela convicção de que a educação pode prevenir muito do sofrimento que, mais tarde, encontro em contexto clínico. Concluo esta etapa com a certeza de que o professor tem um papel privilegiado na construção da relação das crianças consigo próprias, com os outros e com a aprendizagem, responsabilidade que me fascina e que dá sentido a este novo caminho que escolhi.

6.3. Iara Monteiro

Chego ao final da IPP IV e da Licenciatura em Educação Básica com a sensação de que estou a terminar uma etapa muito importante da minha vida, mas também com a certeza de que este é apenas o início do caminho que sempre quis percorrer.

Ao contrário de muitas pessoas que entram no ensino superior sem saber exatamente aquilo que querem fazer, eu cheguei a este curso com uma certeza muito clara: queria trabalhar com crianças. Desde pequena que a educação ocupa um lugar especial na minha vida e grande parte dessa paixão nasceu através da minha madrinha, educadora de infância. Cresci a observá-la, a ouvir as suas histórias, a acompanhar os seus projetos e a admirar a forma como vivia a profissão. Mais do que ensinar, via nela alguém que construía relações, que acreditava verdadeiramente nas crianças e que deixava marcas positivas na vida de cada uma delas. Foi através dela que nasceu o sonho que me trouxe até aqui.

Ao longo da licenciatura, essa vontade nunca desapareceu. Pelo contrário, foi crescendo. No entanto, quando chegou o momento de entrar verdadeiramente no contexto educativo, surgiu um receio que nunca tinha sentido. Não tinha medo das crianças, nem das atividades, nem das avaliações. Tinha medo de me desiludir. Tinha medo de perceber que aquilo que idealizei durante tantos anos não